

INCLUSÃO E DECOLONIALIDADE NA VALORIZAÇÃO DAS LÓGICAS INFANTIS: A ESPACIALIZAÇÃO DA VIDA POR MEIO DOS MULTILETRAMENTOS NA CARTOGRAFIA

Marcelo Rossi Campos dos Santos
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
profmarcelorossi.rj@gmail.com

Paloma Danielle Barra Machado Coelho
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
paloma.dcoelho@rioeduca.net

Como as crianças pensam o espaço? Essas lógicas são valorizadas e levadas em conta no espaço escolar? A partir desses questionamentos, a pesquisa busca valorizar as lógicas infantis das crianças acerca do espaço em que vivem por meio dos Multiletramentos na Cartografia.

O Projeto de Pesquisa “Espacializando a vida através das lógicas infantis: a construção de um atlas geográfico a partir do olhar das crianças” busca realizar a construção de um atlas geográfico com crianças de 6 e 10 anos das escolas municipais de São João de Meriti. A fim de perceber os diferentes olhares acerca da espacialidade e suas Formas Simbólicas Espaciais, pelas diferentes faixas etárias.

Nesse sentido, a pesquisa se debruça em uma revisão bibliográfica dos conceitos que abrange a construção de um atlas através do olhar das crianças. Inicialmente parte-se da análise dos termos Multiletramentos na Cartografia (Lobato, 2020), Autorias Infantis e Mapas Vivenciais (Lopes e Costa, 2023), além de fazer um diálogo com os autores outros fora do pensamento cartográfico, como Fanon (1968), Freire (1987), hooks (2017) e Rufino (2019) a fim de problematizar as concepções de Cartografia existentes. Porém antes de iniciar o debate se faz necessário entender a origem do termo Multiletramentos na Cartografia, conceito chave desta pesquisa.

A Geografia, com o intuito de criar uma forma de ensinar Cartografia, adota o termo alfabetização da Pedagogia. Livia de Oliveira (1978), afirma que a apreensão da Cartografia advém da escola e do professor, que detém todo conhecimento cartográfico para ensinar a criança, todavia, não tem conhecimento de como ensinar Cartografia, por isso, era preciso uma metodologia para ensinar a ler mapas, uma forma de alfabetização. Por sua vez, Simielli (1986), que desenvolve o conceito de Alfabetização Cartográfica e a necessidade de se alfabetizar cartograficamente.

Além disso, Simielli (1986), afirma que a Alfabetização Cartográfica precisa ser crítica e consciente, ou seja, formar mapeadores conscientes e leitores críticos de mapas. Mas vale pensar: Essa Alfabetização Cartográfica leva em conta as lógicas, autorias e protagonismos infantis?

Ampliando os estudos damos conta de que a Alfabetização Cartográfica é focada em ensinar a confeccionar mapas e interpretá-los, seguindo rigorosamente as convenções cartográficas existentes na Cartografia clássica. Sendo assim, não abre espaço para levar em conta as lógicas, autorias e protagonismos infantis.

Em 2003, surgiu o conceito de Letramento Cartográfico por Sônia Castellar, no Evento de Geógrafos da América Latina (EGAL), e usou o conceito de Letramento Cartográfico, considerando mais amplo que o termo Alfabetização Cartográfica. Entretanto, o Letramento Cartográfico, difundido por Castellar (2003), não deixa de abdicar das técnicas rígidas das convenções cartográficas como orientação, legendas, escala e entre outros da Cartografia clássica.

O termo Letramento é difundido por Soares (2009) no que se refere ao uso da escrita e da leitura por meio de contextos sociais. Porém, Rojo (2009), vai além ao abordar o conceito de Letramento no plural, o que busca múltiplos olhares para a prática de Letramentos, favorecendo a inclusão social em diversos aspectos, onde surge o termo Multiletramentos.

A partir desse ponto, avança-se para os estudos dos Multiletramentos na Cartografia (Lobato, 2020), que se desenvolve com base nos Letramentos múltiplos, por meio das múltiplas leituras do mundo. Tendo como base que não é o mapa que vai dar sentido às nossas leituras de mundo, mas nossas apreensões que vão nos permitir ler o mapa, pois somos seres polissêmicos e essa polissemia permite ler cada paisagem e símbolo de forma diferente.

Como se percebe na origem do termo Multiletramentos na Cartografia, muitos teóricos da Cartografia clássica, abordam o estudo dos mapas como algo rigoroso, desconsiderando as lógicas, autorias e protagonismos infantis, de forma a subalternizar os conhecimentos cartográficos advindos do olhar das crianças, tal como uma maneira de colonizar a forma de pensar.

A esse respeito, cabe o pensamento de Fanon (1968), que vai discorrer sobre a questão do colonialismo, com a relação do colonizador e do colonizado. Trazendo para o campo epistemológico da Cartografia, é visto que de certa forma há um imperialismo na difusão do conhecimento cartográfico, no qual somente é valorizado os conhecimentos

advindos da Cartografia clássica e oficial, no qual subalterniza e desconsidera todas as outras formas de se fazer da Cartografia. Isso mostra a forma colonial de se pensar e fazer Cartografia, em que, somente as lógicas tradicionais são validadas.

Por outro lado, Freire (1987), em seu livro "Pedagogia do oprimido" vai nos trazer a questão da educação bancária, uma visão de educação que deslegitima todas as visões dos estudantes, considerando-os vazios, na qual os professores necessitam depositar conhecimentos. Na Cartografia, há essa concepção quando trabalhamos o conceito de Alfabetização Cartográfica (Simielli, 1986) e por conseguinte, Letramento Cartográfico (Castellar, 2003), pois ambos não levam em conta os saberes dos estudantes, considerando-os analfabetos cartográficos, no qual apontam a necessidade de alfabetizá-los cartograficamente.

Indo adiante, hooks (2017), vai trazer uma visão de educação holística, que pensa do sujeito na sua totalidade, apontando a necessidade de desenvolver uma Pedagogia engajada, que seja comprometida não só com conceitos e depósito de conhecimentos, mas que valorize o estudante e suas subjetividades de forma a trabalhar sua mente, corpo e espírito. O que relacionamos com os Multiletramentos na Cartografia, pois valoriza as diferentes visões dos estudantes, dando a eles a oportunidade de serem protagonistas, valorizando suas lógicas e experiências para colocarem diante suas autorias.

Por fim, Rufino (2019) em seu livro "Pedagogia das Encruzilhadas", aponta a necessidade de haver um *Ebó epistemológico* a fim de romper com esse carrego colonial. No campo da Cartografia, há a necessidade de romper com um pensamento de que o estudante é analfabeto cartográfico e que precisa ser alfabetizado cartograficamente, e desta maneira, temos como premissa é que o estudante, antes mesmo de entrar na escola, carrega com ele conhecimentos acerca da Cartografia e não precisa primeiro entrar na escola para ser alfabetizado cartograficamente (Lobato, 2020). Assim, Rufino (2019) afirma que:

O ebó epistemológico, como um saber praticado, opera no alargamento da noção de conhecimento; para isso, os seus efeitos reivindicam uma transformação radical no que tange às relações de saber/poder. Ainda, confronta a noção desencantada do paradigma científico moderno ocidental, buscando transformá-lo a partir de *cruzos* com outras esferas de saber. O *ebó epistemológico* impacta na transformação radical e necessária, por isso se caracteriza na ordem do feitiço. (RUFINO, 2019, p. 88).

Nesse sentido, o diálogo dos autores, Rodrigo Batista Lobato, Frantz Fanon, Paulo Freire, bell hooks e Luiz Rufino nos fazem pensar na necessidade de desenvolver uma educação outra, que rompa com esses laços coloniais, que valorize nossas vivências e existências. Assim, superando o pensamento colonial de uma Cartografia tradicional, a fim de valorizar outras lógicas que são subalternizadas pela hegemonia nesse campo epistemológico.

Referências

CASTELLAR, S. O letramento cartográfico e a formação docente: o ensino de Geografia nas séries iniciais. Mérida (México): **9º Encontro de Geógrafos da América Latina (Anais)**, 2003.

FANON, Frantz. **Os condenados da Terra**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A, 1968

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. Trad Marcelo Brandão Cipolla. 2ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

LOBATO, Rodrigo Batista. **Multiletramentos na Cartografia**. Rio de Janeiro, 2020. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, 2020.

LOPES, J. J. M.; COSTA, B. M. F. Mapas Vivenciais e Espacialização da Vida. **Porto Das Letras**, 9(1), p. 321–335, 2023.

OLIVEIRA, L. **Estudo metodológico e cognitivo do mapa**. São Paulo: Instituto Geográfico, USP, 1978.

ROJO, R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das Encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula, 2019

SIMIELLI, M. E. R. **O mapa como meio de comunicação**. Tese de doutoramento. São Paulo: DG-USP, 1986.